

Capitalismo e Consumo: uma análise introdutória sobre a sociedade de consumo na periferia subdesenvolvida

Bruno Cesar Cassani Medeiros*, Adriana Ferreira Nunes

Resumo

A pesquisa buscou investigar as particularidades da emersão da sociedade de mercado configurada no pós-guerra nas periferias subdesenvolvidas. Primeiramente analisou-se a necessidade crescente de expansão dos mercados e ampliação do acesso as mercadorias “modernas”, mesmo nas periferias, como forma de potencializar a valorização do capital; em seguida, apresentou-se algumas consequências no mimetismo dos padrões de consumo das sociedades industrializadas e sua relação com o padrão de industrialização que foi seguido pelas economias periféricas e que potencializou, naquelas sociedades, uma série de desigualdades estruturais – concentração de renda e propriedade, atraso técnico, má alocação dos fatores; por fim, na conclusão, a problemática da dependência cultural é introduzida, ampliando o debate sobre o caráter limitado dos projetos de industrialização realizados nas periferias.

Palavras-chave:

Desenvolvimento econômico, Subdesenvolvimento, Sociedade de Consumo

Introdução

Os anos que se seguiram à II Guerra engendraram uma sociedade de consumo de massas nos países já industrializados e em processo de industrialização, com ampliação do acesso de bens de consumo duráveis às classes trabalhadoras. As mudanças que se visualizaram, principalmente a partir das inovações tecnológicas, transformações culturais e sociais – como a urbanização e mudança demográfica –, ampliação da classe média trabalhadora, acesso ao crédito e massificação dos meios de comunicação acabaram por incitar uma transformação na mentalidade dessas sociedades, incutindo uma “moral do consumo” que, aos poucos, se sobrepuseram à “moral do trabalho”. Contudo, o padrão de desenvolvimento que se segue a partir de então se baseia na ideia falaciosa de que todos poderiam ter acesso ao mesmo estilo de vida e padrão de consumo das classes abastadas das sociedades consideradas desenvolvidas.

Resultados e Discussão

No quadro das industrializações nas periferias subdesenvolvidas, a expansão da civilização industrial se deu no momento em que, nos centros, a acumulação de capital se encontrava restrita, dados os controles de capitais impostos no pós-II Guerra; e nas próprias periferias, tinha-se incitado um mercado consumidor de massas, mas em economias que não possuíam condições de, sozinhas, recriar o padrão de vida das sociedades consideradas desenvolvidas. Dessa forma, o avanço industrial que se observa nos países subdesenvolvidos a partir da segunda metade do século XX se relacionou, externamente, à configuração em âmbito internacional do capitalismo monopolista e aos limites impostos para a valorização do capital nos países cêntricos e, internamente, às lutas pelo poder político das classes historicamente dominantes *versus* os novos segmentos sociais que emergiram do próprio aprofundamento das relações capitalistas desses países, manifestadas nas disputas que se realizaram no entorno dos projetos industrializantes.

Nessa periferia, o excedente criado foi usado na difusão dos novos padrões de consumo do centro do sistema econômico mundial. Esta difusão deu-se de maneira

bastante irregular, em que os “frutos do aumento da produtividade reverteram-se em benefício de uma pequena minoria, razão pela qual a renda disponível para consumo do grupo privilegiado cresceu de forma substancial” (FURTADO, 1974). Logo, o ritmo da evolução dos países periféricos foi dado por classes dirigentes que almejam, e incorporaram, padrões de consumo que representavam um nível de acumulação muito superior, impregnados de uma cultura que tinha (e tem) no progresso técnico seu elemento motor. Esse padrão almejado deu-se de forma semelhante ao observado por Veblen, em que o padrão de consumo da classe dominante, no centro, determina não só o padrão das classes logo abaixo dela, mas também o padrão de consumo das classes dominantes na periferia em que exercem influência.

Conclusões

Em síntese, sabe-se que o estudo das economias subdesenvolvidas evidencia o caráter predatório do capitalismo sobre as mais diferentes zonas de influência do globo (FERNANDES, 1976). Para além da expansão dos mercados e da produção de mercadorias, Marx já atentava para o caráter mais profundo do capitalismo: o incessante processo de acumulação e valorização do capital concomitante a um processo de fetichização das relações de sociabilidade e superexploração da força de trabalho. Dessa forma, em economias subdesenvolvidas e dependentes o mimetismo dos padrões de consumo enseja o aprofundamento dos problemas já existentes, uma vez que se apoia na concentração de renda e riqueza e os projetos industrializantes são direcionados de acordo com os interesses das classes dominantes, o que aprofunda a dependência externa e condiciona tais economias à não superação dos obstáculos estruturais impostos na evolução interna de seus capitalismo nacionais.

FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FURTADO, C. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

MARX, K. *O Capital: Crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.

VEBLEN, T. *A Teoria da Classe Ociosa: um estudo das instituições*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.